



## **COMPLICAÇÕES PÓS-IMPLANTE DE TRANSPONDER (“MICROCHIP”) EM *Geochelone carbonaria* (SPIX, 1824) (Reptilia; Testudinata)**

Carlos Alexandre Pessoa (MV) e Marcus Buononato (Biólogo)

Rua Feliciano Bicudo 154 ap 52 – vila Paulicéia- SP- cep:02301-020 [mvet@terra.com.br](mailto:mvet@terra.com.br)

A microchipagem de animais no Brasil é uma atividade recente e sua obrigatoriedade no tocante a determinadas espécies de animais silvestres nascidos em cativeiro, cujo objetivo seja comercial, a torna um elemento de poucos parâmetros tanto a nível de escolha mais adequada do local do implante do transponder, como também dos possíveis problemas gerados pela sua má colocação ou contaminação. O presente artigo descreve três casos clínicos provindos de um montante de 450 unidades de jabutis da espécie *Geochelone carbonaria* que foram comercializados ao longo de um ano. Destes cerca de 2 a 3% dos indivíduos manifestaram problemas posteriores oriundos da microchipagem. Em nossa casuística no recebimento destes animais de criadores autorizados, verificamos problemas relacionados na microchipagem como abscesso e exudato caseoso no local do implante do microchip, hiporexia e nos casos mais severos anorexia e pneumopatia secundária diagnosticada pela sintomatologia clínica confirmada por imagem radiográfica e cultura das secreções. Foram utilizados 3 animais, os quais denominaremos de paciente A, B e C com idade aproximada de 1 ano. Os animais em estudo pertencem ao gênero *Geochelone carbonaria*. Os pacientes pesaram entre 54 gramas e 67 gramas. Os pacientes foram submetidos a cultura para fungos, cultura para bactérias e antibiograma das secreções. Resultados do material colhido (secreção de pele): Paciente A: *Proteus sp* e *Escherichia coli*, Paciente B: *Staphylococcus epidermidis* e *Corynebacterium sp* e Paciente C: *Escherichia coli*. Os resultados apresentados demonstram uma grande variedade de bactérias patogênicas acometendo o local de implante do transponder. O crescimento destas bactérias nos meios de cultivos apropriados sugerem contaminação intensa no local da implantação do microchip provavelmente devido a ausência de condições higiênicas básicas requeridas para qualquer procedimento invasivo. Devemos lembrar que répteis são animais rastejantes e esta proximidade ao solo, torna extremamente problemática a viabilização das medidas profiláticas para evitar a contaminação pós-implante, uma vez que defecam e urinam, muitas vezes, sem sair do lugar, contaminando facilmente toda a área. A ausência de trabalhos específicos nesta área, razão pela qual não apresentamos referências bibliográficas, reflete que em muitos casos a grande quantidade de bactérias patogênicas encontradas no local da implantação do transponder, microchipagem em locais inadequados e a utilização de técnicas inadequadas anti-sépticas ou até mesmo a não utilização das mesmas na região escolhida, pode dever-se ao simples fato do desconhecimento de normas ou regras básicas para a implantação deste meio de identificação tão importante e acessível aos médicos veterinários e criadores autorizados pelo IBAMA.